

A MATERIALIZAÇÃO DE UMA DISSERTAÇÃO

Monica Grisi Chaves¹

Orientador: Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel

Resumo: O presente estudo tem por objetivo seminal promover uma reflexão sobre os primeiros escritos da dissertação de Mestrado intitulada “*A Máquina*” e *os sonhos de Nordestina: entre a literatura e o cinema*. Partindo do princípio de que, para além dos recursos materiais, a redação de um texto desta natureza exige recursos imateriais baseados no conhecimento adquirido ao longo do curso e necessita, ainda, atender a padrões de coesão e coerência. A ideia é a de elencar, brevemente, alguns aspectos referentes à trajetória da escrita do primeiro capítulo desta dissertação.

Palavras-chave: Nordeste. Teóricos. Símbolos. Identidade.

INTRODUÇÃO

Ao acionar uma reflexão sobre o processo histórico de escrita, percebe-se, dentre outras coisas, que a sua emergência influencia, sobremaneira, o progresso da humanidade, pois a documentação de descobertas científicas, ditames morais, localizações geográficas, objetos artísticos – apenas para citar alguns – contribuí para a continuação do desenvolvimento humano. Partindo deste princípio, uma dissertação de Mestrado é um texto que expõe, não apenas, a resposta a uma problemática levantada, mas também, o arcabouço teórico acionado para a resolução do problema e o percurso trilhado no decorrer da pesquisa. Diante disso, é necessário que o texto dissertativo seja coerente, tanto na escolha teórica, quanto na expressão do seu conteúdo. E, que seja também coeso, pois as suas partes precisam funcionar no todo. É preciso, ainda que atenda às normas prescritas pela ABNT e que apresente um vocabulário pertinente. As questões elencadas precipitam a ideia de ser esta uma escrita desenhada por certo grau de complexidade. Todavia, de certo modo, a escrita da dissertação é uma das etapas finais do processo da pesquisa, assim, o sucesso do seu desenvolvimento depende do bom desempenho das demais etapas da pesquisa. Desta forma, as dificuldades encontradas, na escrita do texto, resultante da pesquisa intitulada “*A Máquina*” e *os sonhos de Nordestina: entre a literatura e o cinema*, tem a sua origem em etapas precedentes. Em função disso, o presente estudo fará um breve relato sobre o desenrolar da pesquisa citada, com o objetivo de melhor entender a dificuldade da escrita em si.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. E-mail: monicagrisi@gmail.com.

A PESQUISA

As questões que norteiam a pesquisa mencionada originam-se de determinadas inquietações sobre o tratamento dado aos personagens em produções literárias e fílmicas de temática nordestina. Pois, causa estranheza o fato de tais personagens, ao longo de décadas, serem representados tanto na literatura, quanto no cinema por características idênticas. Características estas que engendram um nordestino filho da seca e herdeiro de sua improdutividade. Tanto as mulheres quanto os homens nordestinos são tecidos por linhas fixas, opacas e caricatas que não dão conta de tecer a diversidade humana que habita este lugar.

Os traços que desenham a paisagem do lugar também são conduzidos por uma fixidez que coloca em relevo a secura de uma terra vermelha muitas vezes infértil, a qual se atribui a carência e a falta de perspectiva de um ambiente árido com sua gente desgastada pela falta de esperança. Existem carências neste lugar, como em muitos outros. Por que somos apenas a personificação de todas elas? Quais são os mecanismos de força que atuam no processo de subjetivação dos personagens nordestinos e na representação do ambiente geográfico do Nordeste?

Deste modo, a pesquisa intitulada: *“A Máquina” e os sonhos de Nordestina: entre a literatura e o cinema*, nasce com o objetivo de responder a tais questionamentos. E, motiva-se a partir do propósito de proceder a uma análise crítica do romance *A Máquina* (1999) da escritora Adriana Falcão e do filme homônimo (2006) do diretor e roteirista João Falcão, a fim de refletir sobre os processos de representação dos signos que habitualmente caracterizam o Nordeste Brasileiro e também, acerca de como se dão as relações entre os signos caracterizadores da cultura nordestina e os processos de subjetivação dos personagens nas produções citadas.

A escolha dos elementos constituintes do objeto que compõem a pesquisa foi feita em primeiro plano, a partir do gosto pessoal pelas obras. O contato com as obras ocorre sem a pretensão de transformá-las em pesquisa, no entanto, o impacto causado por este contato repercutiu-se em estudo. Porém, o elemento desencadeador presentificava-se tanto no romance, quanto no filme a partir da perspectiva de pensá-los sob o viés de serem representantes de um Nordeste que troca a escassez pela abundância. Entretanto, o tempo mostrou que as coisas não eram exatamente assim, pois, para além de pequenas mudanças no tratamento dado ao tema do Nordeste, o que se tem no objeto citado é certa reiteração dos mesmos signos em construções mais poéticas.

Assim, esta pesquisa tem um débito irremediável com o Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultura oferecido pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), pois se não fosse pelo prisma ideológico que atravessa o programa, por meio das suas disciplinas e principalmente dos seus

professores, ela teria outros contornos. A inserção neste programa de Mestrado me levou a repensar o meu pensamento, não apenas o pensamento que direciona o estudo em curso, mas o pensamento que norteia a minha vida. Pensar as coisas a partir de discursos pré-fabricados é entender que, a maioria das coisas que nos cercam, só são o que são porque, estão impregnadas de discursos. Sendo assim, a vida se insere numa incessante dinâmica transitória do pensamento, e são eles, os pensamentos postos em trânsito os responsáveis por grande parte das mudanças do mundo. No entanto entender tamanha força de construções discursivas é entender também, que quando repetidos à exaustão, os discursos inventam verdades e, tais invenções podem interferir no modo de perceber a vida.

Talvez, de forma inconsciente, tenha escolhido a temática e o objeto com disposição para provar a força do nordestino. Para denunciar a existência de um Nordeste que não fosse tão intensamente marcado pela intempérie climática que provoca a secura do solo quão úteros inférteis. Objetivava desvelar o Nordeste e propor que os outros – os não nordestinos – tirassem as vendas que os impedia de enxergar a verdade sobre o Nordeste. Ao longo do curso, percebi, entretanto, que ver a região, como ela realmente é, significa tirar dela a possibilidade de ser outras coisas, de estar outras coisas e de garantir que a sua única permanência seja a mudança. Ou que a sua verdadeira forma, de ser, seja o seu permanente estado de mudança.

Uma descoberta deste quilate se fez possível em função de uma ampla gama de conhecimento e reflexão a partir da leitura de estudos desenvolvidos por importantes pensadores, da filosofia, da sociologia, da teoria literária e dos estudos culturais. No entanto, sistematizar tais estudos e articulá-los com o objeto e as ideias insurgentes sobre ele, tem sido uma tarefa, ao mesmo tempo, instigante e difícil. Já que o estudo da temática nordestina é muito mais complexo do que parecia inicialmente. Pois, entender, que o Nordeste é uma intrincada cadeia de signos discursivamente tecida, exige que se reflita sobre o porquê de esta cadeia continuar tão presente, por tanto tempo, mesmo depois de tantas discussões sobre isso. Neste sentido, a primeira conclusão a que se chega é que a pesquisa mudou os seus rumos e que o objeto passou a ser visto sob outros ângulos. E, um dos novos ângulos de percepção sobre o objeto, aponta para o relevo da televisão, como um veículo de comunicação de massa, que influência os personagens e participa ativamente dos seus processos de subjetivação, sendo assim a pesquisa ganha um novo elemento. O artefato televisivo, conquista espaço na pesquisa, em função de serem as imagens exibidas pela TV, o sustentáculo da dicotomia entre o Nordeste e o seu outro.

A TEORIA

Tendo em vista, que a pesquisa caminha na contramão de pressupostos naturalistas, este trabalho buscou amparo nas contribuições de Durval Muniz de Albuquerque Junior, pois, em seu livro *a Invenção do Nordeste e outras artes* (2011), ao abordar as questões que permeiam o imaginário sobre a região Nordeste, o autor aponta para a ideia de que o espaço geográfico e histórico identificado como sendo o Nordeste brasileiro, origina-se de um conglomerado discursivo que tem a sua formação iniciada em finais do século XIX. De acordo com o historiador, até o final da primeira década do século anterior, o Brasil tinha a sua divisão política e econômica polarizada em duas grandes regiões: o Norte, guardião das “verdadeiras” raízes do país e por isso, “arcaico”; E o Sul, marcado pelo cosmopolitismo, pela industrialização e pela constante marcha rumo ao progresso, por isso, “desenvolvido”.

Neste sentido, o autor não objetivou descobrir o que havia de verossímil nesta dicotomia, tampouco desvendar uma verdade sobre o Nordeste, seu estudo buscou entendimento sobre o processo de confecção do recorte geográfico/discursivo denominado de Nordeste. Nas palavras do autor, o seu propósito é exposto nos seguintes termos:

Por isso, o que interessa a este trabalho não é saber se estes primeiros discursos, que começam a criar imagens do Nordeste para consumo do “Sul”, que fazem parte da institucionalização desses espaços pela visão do outro, seriam mentirosos ou fariam a verdade, estariam errados ou certos. O que interessa é entender como funcionam e a serviço de que relações de força. Não se trata de buscar uma “verdadeira representação de Nordeste”, sua verdadeira interpretação, mas tentar entender a produção desse conceito e como ele funciona, seja dentro ou fora de suas fronteiras. (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p.59)

O Nordeste é uma produção imagético-discursiva formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente, em relação a uma dada área do país. E é tal a consistência desta formulação discursiva e imagética que dificulta, até hoje, a produção de uma nova configuração de “verdades” sobre este espaço. (Grifo do autor) (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2011, p. 62).

Em razão disso, o trabalho ora exposto, busca amparo nas contribuições de Albuquerque Junior, uma vez que, também, não se almeja encontrar no romance (1999) ou no filme (2006) *A Máquina*, pontos consonantes ou dissonantes com relação à realidade nordestina, mas sim, refletir sobre o modo com o qual determinados signos comumente atribuídos à identidade nordestina repercutem no romance de Adriana Falcão e na leitura fílmica de João Falcão. Este trabalho intenta colaborar com a reflexão sobre os mecanismos e signos envolvidos no fabrico de um Nordeste simbólico e não com o desvelamento de uma verdade implícita sobre o Nordeste, pois para o ímpeto que impulsiona esta pesquisa revelar uma verdade sobre este lugar é tirar dele a possibilidade de ser vários.

Deste modo, a crença que norteia este trabalho esta fincada na ideia de que aquilo que por convenção identificamos como Nordeste é uma teia de enunciados atravessada pelo discurso acadêmico, pela prosa, pela poesia, pela música, pelo teatro, pelo cinema, pelas Artes plásticas, pelos recortes de jornais e revistas, pela televisão e pela fala cotidiana das pessoas construída e propagada tanto dentro quanto de fora da região. Embora originários de diferentes segmentos, conjuntamente, formam um todo homogêneo dotado de uma força intrínseca, capaz de obliterar a possibilidade de enxergar este lugar sob o olhar da multiplicidade.

Embora as pesquisas de Albuquerque Junior sejam emblemáticas, sobretudo, para a sustentação do primeiro capítulo da dissertação que está em curso, serão acionados ainda, estudos realizados por Stuart Hall (2000, 2006), sobre as questões de identidade. Bem como, as contribuições de Moacir dos Anjos (s/d) concernentes à temática nordestina e dos sociólogos Pierre Bourdieu (1989), Zygmunt Bauman (2008) nas suas contribuições sobre o poder simbólico e a relação entre a identidade e a globalização, respectivamente. Todos estes trabalhos foram postos em movimento a fim de propiciar a elaboração da emergência do Nordeste enquanto símbolo e, portanto, de suma importância, também, se revelou a concepção simbólica da cultura desenvolvida por John B. Thompson (1995).

O segundo capítulo é construído a partir da ideia de que a ausência da cidade de Nordestina, na programação televisiva da fábula de Adriana Falcão, reforça os imperativos do Nordeste simbólico e impulsiona o fluxo migratório das personagens – temática bastante presente nos objetos artísticos ambientados no Nordeste. O objetivo subjacente deste tópico é o de relacionar o Nordeste, enquanto símbolo, com a cultura globalizada através dos meios de comunicação de massa. Para tanto, torna-se imprescindível um levantamento histórico sobre a emergência do termo cultura de massa ao longo do século XX.

Neste sentido, o texto *A Obra de Arte na Era da Reprodutibilidade Técnica* do teórico Walter Benjamin (2000) e as suas reflexões sobre a mudança dos conceitos da estética clássica a partir do advento de equipamentos e técnicas que possibilitam a reprodutibilidade das obras de arte. Como também, sobre a ressonância social e política efetivada pelas tecnologias de multiplicação, revelam-se amplamente oportunas. De modo similar ao conceito de indústria cultural desenvolvido por Mas Horkheimer e Theodor Adorno (1995), quando propagam a indústria como um organismo sistêmico, que inclui a cultura na maquinaria de produção seriada, e destacam o caráter fetichista que envolve os produtos culturais e os transforma em mercadorias. Outra importante ferramenta para a construção do capítulo mencionado foram os argumentos de Marshall McLuhan (1995) para sustentar a sua formulação de que os meios de comunicação atuam como uma espécie de dilatador

dos sentidos humanos. Do mesmo modo, que a avaliação do crítico Frederic Jamerson (1996), quando assinala que são os sistemas culturais que organizam a vida das pessoas na contemporaneidade e a lógica destes sistemas é a própria lógica do capitalismo. E tal lógica, implica na cultura de maneira tão determinante, que segundo o teórico, falar de economia é falar de cultura. Daí a necessidade de entender o processo de produção desta cultura, pois é em tal processo que repousa a lógica do funcionamento da sociedade. E, finalmente, os posicionamentos críticos de Terry Eagleton (2011) no que tange o conglomerado teórico que se presta a entender as demandas do cotidiano atual, sem, muitas vezes, dar-se conta do quão cultural se tornaram as sociedades. O crítico também discorre sobre questões que envolvem o pós-modernismo e a pertinência dos estudos culturais para o entendimento do cenário contemporâneo, sem esquecer-se de mencionar a influência do marxismo para a fundamentação dos contornos teóricos em voga no pós-modernismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O breve artigo objetivou lançar um olhar analítico sobre o andamento da pesquisa intitulada “*A Máquina*” e os sonhos de Nordestina: entre a literatura e o cinema, a fim de descrever os novos rumos da pesquisa tendo em vista que a aquisição de fundamentos teóricos oportunizou importantes reverses exploratórios.

Diante da rápida explanação sobre o percurso teórico e metodológico tem-se a complexidade da escrita, pois à medida que o texto vai sendo concretizado, surgem lacunas que exigem novas reflexões e reescritas. A dinâmica da contemporaneidade é tamanha que comumente exige que os pensamentos sejam repensados e este movimento resvala, inevitavelmente, na confecção do texto. Todavia, embora uma colocação de caráter absolutamente conclusivo não seja a pretensão deste estudo e nem tenha cabimento, em um momento marcado pela transitoriedade. Assim, tudo leva a crer que certamente, logo a pesquisa chegará ao fim e com isso o texto também será findo, porém o seu encerramento derradeiro, talvez esteja longe de acontecer.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. e HORKHEIMER, M, *Dialética do Esclarecimento*. RJ: Zahar, 1985.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. São Paulo: Cortez, 2011.

ANJOS, Moacir dos. *Vinte notas sobre a identidade cultural no Nordeste do Brasil*, Acesso Julho de 2013.

(http://portalmultirio.rio.rj.gov.br/sec21/chave_artigo.asp?cod_artigo=1039)

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BAUMAN, Zygmunt: Identidade no mundo globalizante. In: *A Sociedade Individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Trad. José Gradel- Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed:2008,

BAUMAN, Zygmunt: *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Trad. Carlos Alberto Medeiros- Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed: 2008

BOURDIEU, Pierre. A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região. In. BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Lisboa: DIFEL, 1989.

EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo*. Trad. de Maria Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2011.

FALCÃO, Adriana. *A Máquina*. Rio de Janeiro: Objetiva, [1999] 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Trad. de Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopez Lauro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JAMERSON, Frederic. *A lógica cultura do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática S.A, 1996.

MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. São Paulo: Cultrix, 1995.

THOMPSON, John B. *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

